

É hora de mudar a política econômica, dizem os economistas.

A ministra Zélia Cardoso de Mello já admitiu que modificações temporárias na política econômica ocorrerão se o conflito no Golfo Pérsico provocar uma elevação muito forte nos preços do petróleo, o que teria reflexos imediatos sobre a inflação. A questão é que alguns membros da equipe econômica defendem mudanças mais profundas e duradouras, que passariam pela retomada de algum tipo de controle dos preços e até por um abrandamento da política monetária. A razão é simples: independentemente da crise do Golfo, o plano econômico já não está dando os resultados esperados.

No diagnóstico dos economistas, o País está mergulhando na recessão, sem conseguir acabar com a inflação. Para Luís Carlos Mendonça de Barros, ex-diretor do Banco Central, a correção dos rumos da política econômica é inevitável. A crise no Golfo apenas definirá o grau do ajuste. Se os preços do petróleo dispararem, "a correção será muito mais profunda". Uma nova alta dos preços do petróleo, explica, terá impacto direto sobre a inflação, através do reajuste dos preços dos combustíveis, e também indireto, provocando uma mudança no patamar do câmbio e uma redução nas exportações, já que os países mais avançados também terão de fazer ajustes. Entretanto, Mendonça de Barros não acredita que o governo tenha condições de enfrentar rapidamente

uma subida mais forte da inflação. "Não existe muito espaço para mudanças a curto prazo", diz ele. A política monetária, por exemplo, deverá ser mantida, pois é graças a ela que o ágio do black em relação ao câmbio comercial continua em patamar muito baixo. Mas, embora essa política tenha sido aplicada corretamente, também não poderá fazer mais do que já fez. Ele admite, no entanto, a necessidade de algum controle dos preços.

Na opinião do economista Luís Carlos Bresser Pereira, "o governo não deve atribuir o fracasso da política econômica à guerra no Golfo Pérsico. Se fizer isso, continuará insistindo na atual política e cometará "um grande erro". Para ele, a ministra e o presidente Collor devem entender que ninguém é dono da verdade. Chegou, enfim, a hora de admitirem que a política monetarista adotada a partir de maio do ano passado fracassou "redondamente". Para ele, uma nova subida dos preços do petróleo só irá agravar ainda mais a situação.

Mas há quem pense diferente. O economista Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque, diretor da Fundação Getúlio Vargas, não vê possibilidade de mudanças radicais na política econômica. Um novo congelamento de preços, na sua avaliação, "seria uma insanidade". E, por outro lado, não existe clima para um pacto social que possa viabilizar algum tipo de prefixação de preços.